



MULHERES, NEGRAS E QUILOMBOLAS: O EMPODERAMENTO SOCIAL DAS AMÉLIAS, GRUPO DE MULHERES DE PORTALEGRE/RN

Ivanilza de Souza Beserra – ivanilza2010@hotmail.com

Universidade do Estado do Rio grande do Norte, UERN, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0002-1092-2856>

Cícero Nilton Moreira da Silva – ciceronilton@yahoo.com.br

Universidade do Estado do Rio grande do Norte, UERN, Pau dos Ferros, Rio Grande do Norte, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0001-6071-6711>

RESUMO: Este trabalho é um desdobramento da pesquisa de dissertação sobre comunidades quilombolas do Alto Oeste Potiguar. No entanto, o interesse de estudar o grupo de mulheres denominado *As Amélias* surgiu durante a pesquisa, quando percebemos a importância do grupo para a comunidade Sobrado, na qual vivem alunos que participaram da nossa pesquisa. Assim, o trabalho tenta problematizar a condição tripla das integrantes do grupo de mulheres de Portalegre/RN – ser mulher, negra e quilombola. Tem por objetivo conhecer o grupo de mulheres e perceber a importância que o mesmo tem para as suas integrantes, no sentido de fortalecê-las no enfrentamento dos múltiplos preconceitos que vivenciam socialmente em virtude de gênero, raça e etnia. Do ponto de vista metodológico o trabalho partiu de revisão bibliográfica e da análise de uma narrativa escrita da líder da comunidade quilombola. Abordamos o grupo de mulheres negras quilombolas *As Amélias* por entendermos que tem uma importância singular para a comunidade na qual existe, inclusive na construção da identidade dos habitantes locais, principalmente dos mais jovens. Como resultado das análises e reflexões que fizemos sobre a narrativa da líder da comunidade, podemos pontuar o aspecto político das *Amélias*, isto é, a tomada de consciência quanto à desigualdade social e à exclusão a que estão submetidas e a organização coletiva como forma de luta, de resistência e de afirmação da identidade quilombola.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Negra. Quilombola. Preconceito. Racismo.

INTRODUÇÃO

Partindo do pressuposto de que a mulher negra é submetida à exploração e ao preconceito desde o período colonial, com o início da escravidão, este trabalho faz uma abordagem muito importante, visto que realça a identidade da mulher negra quilombola e destaca a sua capacidade de resistir aos estereótipos sociais e de se afirmar enquanto mulher, negra e quilombola.

Como dizíamos, a mulher negra foi explorada de muitas formas, desde servir como escrava para as mulheres brancas até ser explorada sexualmente pelos homens brancos, que se consideravam seus donos. Infelizmente, marcas dessa barbárie sobrevivem até os nossos dias na vida de cada mulher negra brasileira. Nesse sentido, além da discussão étnico-racial, uma discussão de gênero também se faz necessária. A mulher negra sofre o estigma social não só por ser negra, mas também por ser mulher. A

sociedade brasileira é patriarcal, machista e racista, o que significa que a condição da mulher negra é mais desfavorável do que a dos homens. Lutar contra esses estigmas tem sido para a mulher negra uma tarefa difícil, mas que vem se fortalecendo ao longo dos anos, inclusive com a sua presença na esfera da política, das organizações e dos movimentos sociais, como o Movimento Negro.

Este trabalho faz uma discussão sobre um grupo de mulheres negras quilombolas de Portalegre/RN, da comunidade Sobrado, denominado de *As Amélias*. O objetivo de trabalhar com esse grupo de mulheres se fundamenta na nossa concepção de que esse coletivo representa um movimento genuíno de empoderamento social, de gênero e de etnia. Ele é mais do que um movimento de resistência cultural, configurando-se como um coletivo de autoafirmação da identidade de gênero e da identidade étnico-racial. Isso é de fundamental importância, pois infelizmente os estereótipos ligados a gênero, raça e etnia ainda são muito fortes na sociedade brasileira, principalmente quando consideramos a mulher negra quilombola.

Nosso objetivo neste trabalho é discutir sobre o grupo de mulheres negras quilombolas *As Amélias*, no intuito de problematizar a contribuição que este traz para que essas mulheres possam enfrentar os estigmas presentes na sociedade brasileira relacionados ao gênero, à raça e à etnia. Para tanto, utilizamos revisão bibliográfica como Passeggi (2008) e o método (auto) biográfico, através de uma narrativa de vida para coleta de dados.

Essa discussão assume uma relevância especial se considerarmos que esse grupo de mulheres constitui um movimento político de resistência ao preconceito e à discriminação motivada por gênero, raça e etnia. E é assim que o consideramos. Acreditamos que a organização dessas mulheres negras quilombolas representa um ideal a ser seguido por outras mulheres negras e quilombolas do nosso país.

Destacamos também uma questão importante: o fato de não possuírem um nível de escolaridade superior, o que nos lembra a educação historicamente negada aos negros. A educação oferecida para o negro até hoje está sendo palco de discussões, levando à criação de leis que tentam reparar a educação negada para essas pessoas. No que tange às *Amélias*, destacamos que mesmo com pouca oportunidade de estudo, essas mulheres guerreiras não desistiram de chegar ao seu objetivo, qual seja trabalhar para que assim possam ter melhores condições de vida.

No que se refere à metodologia, compreendemos que esta é uma parte fundamental do processo de pesquisa e construção do conhecimento. Segundo Oliveira (2008), a metodologia é um processo que engloba um conjunto de métodos para conhecer e analisar a realidade, produzindo assim novos conhecimentos.

Metodologicamente esse estudo centra-se na abordagem qualitativa, uma vez que busca a compreensão de uma narrativa escrita de uma líder comunitária integrante do grupo estudado, ou seja,

busca interpretar qualitativamente o que foi obtido na narrativa.

Para atender ao objetivo pretendido, a metodologia foi organizada em duas etapas. A primeira está centrada em revisão bibliográfica; para tanto, temos como suporte os apontamentos de Louro (1997), que fazem uma revisão dos conceitos de gênero; e Gomes (s/d), que vem falar do grupo de mulheres “As Amélias” e, por último, Bastos (2010), que vem nos levar a refletir sobre as mulheres negras quilombolas. E a segunda, na análise de uma narrativa escrita da líder da comunidade¹ no qual o grupo das *Amélias* está inserido, que também participa do grupo. Nesse sentido, trabalhamos com a metodologia da (auto)biografia, pois consideramos que essa forma de abordagem pode contribuir de forma significativa na investigação de temáticas complexas, pois possibilita o contato direto com o sujeito e faz apelo ao resgate da memória e da vivência social. Nesse sentido, Passeggi (2008, p. 15) nos fala o seguinte: “Como todos nós sabemos, a abordagem (auto)biográfica, em suas mais diversas modalidades, centra-se tradicionalmente nos adultos e na formação continuada”.

Dessa forma, esse tipo de abordagem pode nos proporcionar conhecer o sujeito a partir de suas histórias de vida, o que nos leva a buscar entender a importância do grupo de mulheres da comunidade quilombola Sobrado para as próprias mulheres dessa comunidade, através da fonte narrativa de escrita que, de acordo com Torga (1986), nos proporciona evidenciar a pluralidade e dependência das nossas fragilidades. Desse modo, a escrita de si foi uma metodologia muito útil para o nosso trabalho, uma vez que difere de um questionário com perguntas fechadas, possibilitando compreender as subjetividades envolvidas.

A narrativa foi feita pela líder, para a qual usamos o pseudônimo Graça, a fim de preservarmos sua identidade no processo de pesquisa. A ela pedimos que falasse de si e sobre o grupo para que pudéssemos conhecê-la e perceber a importância desse grupo para a comunidade. Assim, a mesma escreveu sua narrativa, a qual analisamos a seguir.

Graça é a líder da comunidade quilombola, assim como também faz parte do grupo de mulheres “As Amélias”. Nasceu na comunidade do Chã da Vila, e logo após seu casamento, mudou-se para a comunidade vizinha, Sobrado, onde vive até hoje, ou seja, há, aproximadamente, mais de 30 anos. Ela tem três filhos e é Presidenta da Associação Negros Feliciano do Alto, que pertence ao Sítio Sobrado. Também é coordenadora da Pastoral da Criança. Poetisa, já escreveu mais de 10 cordéis. Terminou o Ensino Médio com 50 anos, depois que seus filhos terminaram.

O relato escrito da líder é o foco deste trabalho. A partir dele fomos capazes de pensar e refletir sobre a situação da mulher negra quilombola na nossa sociedade, assim como as lutas que travam por uma vida digna na sociedade, além de trabalhar para o bem coletivo da comunidade onde mora.

¹ Líder comunitária é aquela que busca alcançar o objetivo da comunidade, trabalhando para o progresso da comunidade.

Para tornar a discussão mais didática, dividimos o trabalho em duas partes. A primeira parte, SER MULHER NEGRA QUILOMBOLA, faz uma reflexão sobre o sofrimento da mulher negra desde a época colonial até hoje, destacando as mulheres quilombolas. Na segunda parte, AMÉLIAS, MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS, adentramos no grupo de mulheres “As Amélias”, para refletirmos e problematizarmos sobre sua presença na comunidade.

2 SER MULHER NEGRA QUILOMBOLA

É impossível falarmos da mulher negra quilombola sem abordarmos as discussões sobre relações de gênero, uma vez que a mulher sofreu e sofre socialmente, devido ao machismo que impera na sociedade. Nesse sentido, pode-se afirmar que há muito tempo as mulheres lutam pela sua autonomia social e política e igualdade de direitos, ou seja, pela igualdade de direitos entre os gêneros.

O gênero pode ser entendido pelas diferenças psicológicas, sociais e culturais entre indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino. Diferente de sexo, que compreende as diferenças que definem o corpo masculino e feminino. De acordo com Louro (1997), o conceito de gênero ao qual nos interessa chega a não estar presente no dicionário Aurélio, uma vez que está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo.

É possível dizer que hoje a mulher ocupa espaços significativos no meio social, resultado do engajamento das mulheres em movimentos sociais, como o movimento feminista². Graças a esse engajamento, a mulher conquistou o direito de trabalhar fora de casa – como nas indústrias, lojas, etc., como também na política. “As características dessas ocupações, bem como a ocultação do rotineiro trabalho doméstico, passavam agora a ser observadas” (LOURO, 1997, p.17). Essa paulatina inserção da mulher no mercado de trabalho não significou, todavia, a efetiva igualdade em relação aos homens, pois em muitos casos ainda permanecem ganhando menos que eles, mesmo exercendo as mesmas funções.

Ainda que a mulher tenha conquistado um grande espaço, não podemos esquecer que a cultura machista ainda permanece presente e pode ser notada diariamente, através dos preconceitos e estereótipos que agridem as mulheres. Dessa forma, frases como “Lugar de mulher é na cozinha”, se repete no nosso cotidiano. Parece haver uma necessidade masculina de diminuir a capacidade da mulher, relegando a ela papéis e funções que não são socialmente valorizados. Segundo Beauvoir (1970, p. 14), “A necessidade biológica — desejo sexual e desejo de posteridade — que coloca o macho sob a dependência da fêmea não libertou socialmente a mulher”. Embora esteja demonstrado pela experiência que as mulheres têm a mesma capacidade que os homens, isso não levou ao fim do machismo e da subordinação da mulher.

De acordo com as questões levantadas acima, ser mulher, por inacreditável que pareça, ainda é motivo para preconceito e segregação. Como podemos inferir, a cultura machista ainda é muito forte na nossa sociedade. A partir do exposto, somos levados a refletir sobre ser mulher negra e quilombola, sabendo que o negro ainda

² O feminismo compreende um conjunto de movimentos de natureza política, social, ideológica e filosófica que tem por objetivo a igualdade entre os gêneros, o empoderamento feminino e o combate aos padrões patriarcais.

enfrenta muitos preconceitos sociais. Dessa forma, ser mulher, negra e ainda por cima quilombola parece ser muito problemático, ou seja, essas mulheres estão expostas a múltiplos preconceitos sociais.

Durante o Brasil Colônia, as mulheres negras viviam em função das brancas, cuidando das casas grandes, sendo amas de leite, entre outros serviços, ou seja, viviam executando os trabalhos mais pesados, simplesmente por serem negras.

As negras, na sociedade colonial, viviam nas casas-grandes e eram muitas vezes as que iniciavam os filhos dos grandes proprietários na vida sexual. Eram amas de leite, cuidavam da casa, prestavam serviços, e muitas vezes ainda eram submetidas às condições de violência sexual. Perto do fim do regime colonial, muitas conseguiam suas cartas de alforria, conseguindo assim, a liberdade depois de anos de escravidão. Mesmo quando livres, ainda encontravam dificuldades em seus caminhos, agora livres, muitas vezes não tinham para onde ir, e acabavam se tornando prostitutas a fim de evitar a fome e a miséria (BASEGGIO; SILVA, 2017, p. 20).

De acordo com Baseggio e Silva (2017), desde o período colonial as negras viviam em situações degradantes, sendo submetidas aos trabalhos mais abomináveis pela sociedade. Quando conseguiam a liberdade, essas mulheres tinham dificuldade de viver de maneira digna, sem casa e trabalho. Dessa maneira, para sobreviver muitas vezes se sujeitavam à prostituição.

Atualmente a nossa realidade é diferente. A presença dessas mulheres pode ser observada em diferentes campos sociais, como na educação, no mercado de trabalho, na política, ou seja, em todos os lugares onde a mulher branca se encontra. No entanto, devemos ressaltar que existe uma grande diferença entre o número de mulheres brancas e o de mulheres negras em todas as esferas sociais. Isso quer dizer que as negras aparecem em menor porcentagem, haja vista que a nossa sociedade é mais racista do que machista. Desse modo, a aceitação da mulher negra é menor se comparada à da mulher branca, o que tem dificultado a inserção das mulheres negras no mercado de trabalho e na política, por exemplo, e o bom atendimento em muitos espaços sociais.

2.1 SOBRE A MULHER NEGRA QUILOMBOLA

Para discutir sobre a mulher quilombola, faz-se necessário compreender o que é ser quilombola hoje. De acordo com o Art.2º do Decreto nº 4887, de 20 de novembro de 2003, considera-se como remanescentes de quilombos os grupos que demonstraram ancestralidade negra, com territórios próprios e que são descendentes dos povos que viviam escravizados no período colonial. “Os quilombos, ou seja, estabelecimentos de negros que escapavam à escravidão pela fuga e recompunham no Brasil formas de organização social semelhantes às africanas, existiram às centenas no Brasil colonial” (FAUSTO, 1996, p. 30).

Assim, a questão quilombola está relacionada à etnia de um grupo, ou seja, podemos ter diferentes

grupos de povos negros quilombolas, com etnias diferentes.

Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território (MUNANGA, 2017, p.01).

De acordo com o conceito de Munanga (2017), a etnia está relacionada a um grupo de sujeitos com características comuns, como língua, religião e cultura. Isso é importante para entendermos que um grupo quilombola difere de outro, pois cada um tem suas características específicas.

Diante desse aspecto, entendemos que o gênero e a raça são fatores predominantes na formação da identidade da mulher quilombola, considerando os estigmas que elas enfrentam devido sua cor, seus costumes, suas culturas e a relação existente entre o padrão de beleza que a sociedade impõe. Quando consideramos tudo que mencionamos com as suas vivências cotidianas, percebemos que podem provocar uma autoestima negativa.

O ser mulher negra é uma condição social e cultural que tem muito peso nos processos de formação das identidades das jovens quilombolas, pois o gênero e a raça fazem grande diferença na construção das suas auto-imagens. Isto porque as representações sociais de gênero e raça reproduzem preconceitos e estereótipos negativos que são internalizados desde a primeira infância por um tipo de educação, inclusive a escolar, sustentada pelas ideologias do racismo e do patriarcalismo (BASTOS, 2010, p. 02).

Bastos (2010) nos mostra que a mulher negra quilombola pode carregar herança dos preconceitos e estereótipos sofridos desde a infância até a fase adulta. Isso nos leva a refletir sobre a imagem do quilombola, como por exemplo seus cabelos crespos, que é motivo de comentários racistas, como também sua cultura, língua e religião. De acordo com Bastos, procurar um padrão ideal para a mulher negra é um processo histórico construído, padrão esse que é diferente do da sociedade dominante, o que leva essas mulheres a ficarem em desvantagem, tanto na educação como no trabalho.

2.2 A MULHER NEGRA NA EDUCAÇÃO

Falar sobre a presença da mulher negra na educação nos remete a pensar sobre as múltiplas exclusões a que a mesma esteve exposta ao longo de séculos. A primeira forma de exclusão a que a mulher esteve submetida está relacionada à questão de gênero, ou seja, a mulher foi excluída da educação porque o seu gênero era feminino. Pode parecer um tanto quanto absurdo pensar dessa maneira na contemporaneidade, mas a verdade é que a ideia de que a mulher é inferior ainda faz parte da mentalidade do povo brasileiro. Todavia, esse não é um fenômeno recente. De um ponto de vista histórico, a educação sempre foi exclusiva de alguns grupos sociais, e mesmo dentro desses grupos, a mulher era excluída do

processo educacional.

Quando a mulher conseguiu se inserir nos espaços sociais antes exclusivamente destinados aos homens, como a escola, outro processo excludente se instalou, dessa vez referente à condição socioeconômica. As mulheres que conseguiram se inserir nos espaços sociais não eram aquelas da periferia ou da zona rural, essas continuaram submissas e excluídas do processo educacional. Nesse contexto, apenas as mulheres que tinham condições socioeconômicas privilegiadas conseguiam ter acesso à educação. Não pela conquista do respeito à condição feminina, mas pelo poder econômico que detinham.

Partindo dessas considerações não é difícil vislumbrar o nível de exclusão da mulher negra, que é excluída tanto pelo seu gênero quanto pela sua cor. Pode-se acrescentar, ainda, o fato de que a maioria das mulheres negras é oriunda de condições socioeconômicas desfavorecidas, o que não deixa de ser também um reflexo direto da exclusão histórica a que foram submetidas durante e após a escravidão. Desse modo, a mulher negra está submetida a uma tripla exclusão. Mas vamos focar apenas nas exclusões referentes ao gênero e à cor da pele, por se tratar de um grupo formado por mulheres e por serem quilombolas.

Se para a mulher branca e em condições socioeconômicas favoráveis foi difícil conseguir a inserção nos espaços sociais, podemos refletir sobre o quanto foi e é difícil para a mulher negra, e geralmente pobre, adentrar esses espaços. Na nossa sociedade machista e racista, ser mulher e ser negra ao mesmo tempo é quase que um sinônimo para exclusão e preconceito. Por outro lado, se as condições são tão difíceis para a mulher negra, as conquistas que elas obtiveram e continuam obtendo demonstram que não se acomodaram nem se conformaram com a exclusão e com as migalhas que a sociedade reserva para elas. Essa constatação nos permite fazer uma ligação direta com as mulheres negras quilombolas, as quais, inclusive, são ainda mais excluídas por serem “do quilombo”.

As mulheres negras quilombolas têm, por falta de uma expressão melhor, a luta e a resistência no sangue, haja vista que os quilombos surgiram com a função de abrigar os negros rebelados contra a escravidão e organizá-los para lutar pela liberdade. Engana-se, no entanto, quem pensa que com o fim da escravidão os quilombos também foram extintos. Pelo contrário, eles continuaram existindo e existem até hoje como redutos de resistência da cultura negra quilombola. A existência do espaço em si já é um símbolo da resistência do povo negro. Nesses espaços, portanto, a luta da mulher negra pelo reconhecimento da dignidade feminina é um dos elementos mais importantes.

Um aspecto decisivo dessa luta é pelo direito à educação. Como já foi dito, a mulher só teve acesso à educação formal tardiamente, e mesmo assim, ainda não foram todas as mulheres que tiveram direito a esse acesso imediatamente. As mulheres pobres e negras foram excluídas por muito mais tempo.

Nesse sentido, pode-se concluir que as mulheres negras passaram a ter acesso à educação ainda muito mais tarde do que as mulheres brancas, o que justifica e legitima a organização dessas mulheres na luta por melhores condições de vida, pelo acesso à educação e aos bens sociais básicos.

É sabido que as mulheres foram excluídas da vida social por muitos séculos, e muito mais ainda as mulheres de condições sociais desfavoráveis e negras. No entanto, a conscientização dessas mulheres quanto à sua dignidade e à sua organização tem proporcionado conquistas importantes e consideráveis. Isso vale para as mulheres pobres, negras e negras quilombolas. Sendo assim, é oportuno dizer que a organização e a formação de grupos de mulheres negras quilombolas, como *As Amélias*, em Portalegre/RN, representam a construção da consciência política dessas mulheres e o seu empenho na conquista de uma sociedade livre e igualitária para todas as pessoas, de todos os gêneros.

Partindo dessas ponderações destacamos que Portalegre/RN possui quatro comunidades quilombolas, quais sejam: Pêga, Arrojado, Lajes ou Engenho Novo e Sobrado. Este trabalho está focado no grupo de mulheres da comunidade Sobrado. Como as etnias diferem conforme os grupos, as mulheres negras e quilombolas dessa comunidade têm tradições, culturas e religiões próprias que as diferem das mulheres quilombolas das outras comunidades de Portalegre/RN.

A partir do estudo desse grupo de mulheres, acreditamos ser possível entender os desafios que a mulher negra quilombola enfrenta socialmente, visto que é perseguida pelo racismo e pelo machismo.

3 AMÉLIAS, MULHERES NEGRAS E QUILOMBOLAS

Daqui em diante apresentamos o grupo de mulheres da comunidade quilombola Sobrado, de Portalegre/RN, um grupo formado por mulheres negras e quilombolas que vivem nessa comunidade. Para tanto, lançamos mão da abordagem (auto)biográfica e partimos da narrativa escrita da líder comunitária da comunidade, a qual denominamos de Graça.

Salientamos que, embora a prática de se trabalhar com (auto)biografia seja mais comum no trabalho com formação de professores, nosso trabalho foi realizado a partir dessa técnica, pois através da escrita de Graça pudemos compreender tanto sobre a comunidade, como sobre o trabalho do grupo para essas mulheres, e através do Cordel escrito por Gomes (s/d), pudemos nos aprofundar sobre o grupo de mulheres em estudo.

Optamos por apresentar o relato escrito na íntegra, inicialmente. E, no decorrer do texto, pequenos trechos seguidos da análise do seu conteúdo. Vejamos o relato abaixo:

Pequeno trecho da comunidade Sobrado Negro Feliciano do Alto, “A mulher”³

Feliciana Maria da Conceição a mulber que subiu o alto do Sobrado, a muitos anos atrás, junto com o esposo Francelino José do Nascimento para procurar um lugar sossegado para morar, e que na nossa biografia histórica, ambos provavelmente estiveram fugidos do trabalho escravo. Os dois juntos formaram uma família e tiveram oito filhos todos criados com muito amor, respeito e religiosidade, a tal ponto de cada um dedica-se a um trabalho na comunidade, que ia sendo povoada e nenhum deles deixou de cumprir suas obrigações, no âmbito espiritual, cultural e ou social.

Portanto a mulher filha do casal iniciou a educação da comunidade quilombola dos menores. Essa mesma mulher dedicou-se ao trabalho de parteira e benzeadeira e receitava chã de meopadia, que quer dizer chã de ervas medicinais. As receitas, aprendeu com seus pais, para pais e alunos dela. E foi uma dessas alunas mais curiosas que as outras deu os primeiros sinais que ia da continuidade o que aprendeu da sua professora Torquatia, hoje aluno ou aluna mais dedicado na sala é chamado de inteligente, antigamente era curioso mesmo. Portanto esta aluna chamada Amélia era as duas coisas curiosa e inteligente.

Primeiro morreu com 108 anos de idade e suas histórias de benzeadeira e entre outras mais, nos levou a lhe prestar uma homenagem, hoje da mulher chamada Amélia é que nosso grupo passou a ser As Amélias, repito hoje estão ramificadas por quê?

Primeiro seguindo a geração de Amélias a homenagem, segundo “Amélia era mulher de verdade”, assim fala a música do pagodeiro e terceiro Amélia flor e nestes tantos motivos as mulheres do quilombo Sobrado, hoje tá dando andamento a nossa comunidade, Vivemos em um grupo de convivências, mantendo a tradição religião, cultura e costume para fortalecer o nosso grupo, garantimos pelo Banco Mundial atrás do governo cidadão, uma fábrica de costura, onde iremos fabricar de peças íntimas e o nosso slogan é nada mais nada menos que Amélia Moda Íntima. E assim a mulher de quem eu falei no começo vem passando de geração para geração.

Concluo dizendo que o nosso dever de viver o presente, fazendo homenagem ao passado e preparando para o futuro.

Narrativa (Graça).

3.1 A FORMAÇÃO DA COMUNIDADE

Segundo relatos dos moradores da comunidade, os primeiros habitantes dessa comunidade foram Feliciano e Francisco José do Nascimento. Nesse lugar construíram sua família e viveram por muitos anos. Este é o início do povoamento dessa comunidade. Hoje as pessoas que lá habitam vivem de forma simples; a maioria sobrevive da agricultura, uma vez que essa comunidade está localizada na zona rural, mantendo a cultura e os costumes comunitários.

Feliciana Maria da Conceição, a mulher que subiu o alto do Sobrado há muitos anos atrás, junto com o esposo Francelino José do Nascimento para procurar um lugar sossegado para morar e que na nossa Biografia histórica, ambos provavelmente estiveram do trabalho escravo. Os dois juntos formaram família e tiveram oito filhos. Todos criados com muito amor, respeito, e religiosidade a tal ponto de cada um dedicavam-se a um trabalho na comunidade e na medida que ia sendo povoada, e nenhum deles deixou de cumprir suas obrigações no âmbito espiritual, cultural e/ou social (Narrativa escrita de Graça, 2017).

Percebemos, através da fala de Graça, que não há certeza do motivo que levou o casal a ocupar o Sobrado, embora se acredite em fuga da escravidão. Após a ocupação tiveram seus oito filhos, educando-os de acordo com suas culturas e religiosidade. Um desses filhos foi Torquata, que se tornou

³ O relato foi mantido na linguagem original da escrita da participante da pesquisa, preservando-se a sua forma espontânea de expressão.

professora, além de ser benzedeira⁴ e parteira na comunidade. Vejamos o que diz Graça na sua narrativa (2017) sobre o assunto:

Portanto, a mulher filha do casal, Torquatia, iniciou a educação da comunidade ganhados dois mil réis por mês e essa mesma mulher também dedicou-se ao trabalho de parteira e benzedeira e receitava chá de meopadia, que quer dizer chá de ervas medicinais, ensinando as mesmas receitas que aprendeu com seus pais.

O relato de Graça, feito através da narrativa escrita, nos revela que Torquata foi uma mulher que deu grandes contribuições para a comunidade e que deixou grandes ensinamentos e lições, levando o acesso à educação a muitas pessoas da comunidade, uma vez que era professora. Salientamos que nessa época a educação acontecia nas próprias casas das professoras.

Esses relatos sobre a origem da comunidade nos permitem fazer uma reflexão sobre a comunidade quilombola em si e sobre seus moradores de hoje; pessoas que ainda lutam por reconhecimento e melhores condições de vida, assim como pela preservação das suas culturas.

A comunidade hoje está localizada a 4 km da zona urbana do município, de acordo com dados da Secretária de Saúde de Portalegre, possuindo 39 famílias e 122 habitantes, contando com a Escola Municipal de Educação Infantil “Francelino José do Nascimento”, que não atende somente as crianças quilombolas e da comunidade, mas também de outras comunidades vizinhas.

3.2 AS AMÉLIAS

No ano de 2013, a Secretaria de Assistência Social de Portalegre/RN, coordenada pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) II, no qual um dos seus grupos no Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF)⁵ é o de mulheres, teve a iniciativa de formar um grupo de mulheres na comunidade Sobrado, primeiro grupo de mulheres da zona rural, promovendo encontros que as ajudam no convívio e o bem-estar psicológico e social, por meio de atividades, palestras e a vivência em grupo.

O grupo de mulheres foi batizado de “As Amélias”, nome sugerido pelas mulheres que dele fazem parte, em homenagem a uma mulher da comunidade, Dona Amélia, que faleceu com mais de cem anos. Uma mulher respeitada por todos da comunidade.

Primeiro morreu com 108 anos de idade e suas histórias de benzedeira, e entre outras

⁴ Benzedeira é a pessoa que, segundo o senso comum, tem o poder de curar pessoas doentes com orações, muitas vezes utilizando ervas.

⁵ O PAIF é o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família, oferecido em todos os Centros de Referência da Assistência Social (CRAS), que faz parte da Secretaria de Assistência Social. Tem o objetivo de apoiar as famílias, prevenir a ruptura de laços familiares, levando o sujeito ao acesso de seus direitos, visando a uma vida de qualidade.

mais, nos levou a lhe prestar uma homenagem hoje; da mulher chamada Amélia é que nosso grupo passou a ser *As Amélias*, repito hoje estão ramificadas por quê? Segundo a geração de Amélias a homenagem, segundo “Amélia era mulher de verdade”, assim fala a música do pagodeiro, e terceiro Amélia flor e nestes tantos motivos as mulheres do quilombo Sobrado, hoje, tá-dando andamento a nossa comunidade (Narrativa de GRAÇA, 2017).

Graça menciona a importância que Dona Amélia teve na comunidade, servindo à população com suas bênçãos, uma vez que era benzedeira. Conhecida por todos de Portalegre, relatava suas histórias, uma das quais era “aquela da chegada de Francisco e Feliciano”, como relatamos anteriormente. Acrescentamos que Amélia casou tarde, mas ainda teve três filhos. Negra guerreira, trabalhava na roça, mas também foi parteira e lavadeira. Gomes (s/d, p.01), em seu cordel em homenagem ao grupo *As Amélias*, conta a história da Dona Amélia. Vejamos o que fala:

Amélia era mulher negra
Que todo mundo gostava
Amadrinhava as crianças
Que ela mesmo rezava
Em sua humilde casinha
Receitava evas e mezinhas
E todo quebrante tirava
Casou-se já de idade
Era muito envergonhada
Cubria-se da cabeça aos pés
Para ganhar um mires
Na roça com uma enxada.

Gomes (s.d.), mostra que Dona Amélia, mulher negra quilombola da comunidade Sobrado, era uma mulher respeitada e querida por todos, devido à prática de sua cura e fé. Ela recebia muitas pessoas para realizar suas curas. Com base no trabalho de Beserra (2014), no qual Dona Amélia relata sua vontade de estudar, a mesma conta que sua família era pobre – o que pudemos perceber, quando cita que dormia na casa de uma velhinha que criou uma das suas irmãs, que “à noite ia ela e seus outros irmãos, pois na casa em que morava com seu pai não dava para eles dormir, por falta de lugar”.

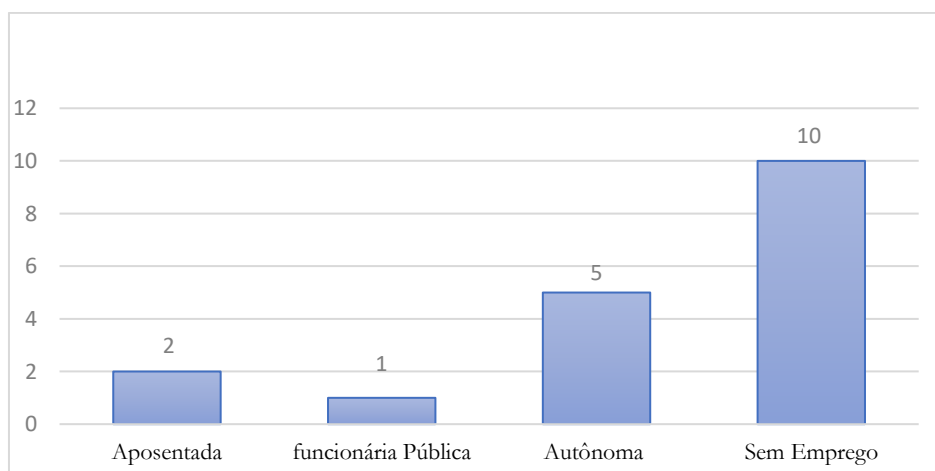
Assim nasceu o grupo *As Amélias*, prestando homenagem a uma quilombola que deixou um grande legado na comunidade. Hoje esse grupo permanece em funcionamento com seus encontros quinzenais, nos quais as mulheres negras se reúnem para realizar várias atividades, como: artesanato, palestras, forrós, entre outras, tudo visando o convívio, o bem-estar e a busca da autonomia. Nesse contexto, a autonomia econômica é fundamental para as conquistas sociais da comunidade. Isso é importante porque, segundo Bastos (2010, p. 05), “o processo de construção da autonomia está vinculado também ao poder econômico”. Dessa forma, verificamos que o grupo de mulheres está sempre se organizando em busca da autonomia financeira, cada uma com seus talentos e procurando alguma forma

de fazer alguma renda.

Temos Amélias manicure
Que faz crochê e tricô
Operadora de caixa
Faz xarope e lambedor
Boleira até confeitadeira
Com sua banca na feira
vendendo doce e licor.
Amélia que é dotada
Na criação de galinha
Tem sua horta completa
Vende pamonha e coxinha
Com o lado produtivo Elas faz alternativo
E da receita a vizinha.
Na reciclagem de boneca
As renova e da vida
Pinta, borda, faz biscuit
Desenha uma margarida
O seu voluntariado
É bastante enraizado
Pra tudo encontrar saída (GOMES, s/d, p. 04-05).

Conforme Gomes (s/d), o grupo de mulheres do Sobrado possui membras que se destacam, cada uma com seu trabalho, as quais procuram adquirir suas fontes de renda para que possam ajudar no sustento das suas casas. Cada uma fazendo um pouco do que sabe, vendendo tanto para a comunidade como para pessoas que não fazem parte da comunidade. Desse modo, vejamos a principal fonte de renda dessas mulheres, como se pode visualizar na figura 01, abaixo:

Figura 01 – Gráfico das profissões das mulheres que fazem parte do grupo "As Amélias"



Fonte: Construído pelos pesquisadores.

Pelo que se pode interpretar do gráfico acima, a maior parte das mulheres que integra o grupo *As*

Amélias não possui um emprego formal. Todavia, o que denominamos de “Sem emprego” não significa necessariamente que são pessoas sem ocupação rentável, mas sim que exercem atividades informais ou são do lar. A maioria exerce atividades informais de venda, ou seja, trabalham como sacoleiras⁶, comercializando pequenas quantidades de produtos. Das dezoito mulheres integrantes do grupo, apenas três possuem renda fixa, há duas aposentadas e uma funcionária pública. Com um acesso restrito à educação, essas atividades são importantes para ajudar na renda familiar, uma vez que conseguir emprego é uma tarefa difícil, principalmente sem ter uma profissão definida e um nível de escolaridade exigido pelo mercado de trabalho. Vejamos, então, o nível de escolaridade dessas mulheres:

Quadro 1 – Nível de escolaridade das mulheres quilombolas da comunidade sobrado

Ensino Fundamental	02
Ensino Médio	16
Ensino Superior	00
Não alfabetizada	00

Fonte: Construída pelos pesquisadores a partir do Trabalho de Campo.

O quadro acima mostra que a maioria dessas mulheres possui apenas o Ensino Médio, o que significa que elas têm menos oportunidades no mercado de trabalho. Assim, destacamos que esse grupo passou a organizar-se para a realização de outras atividades, das quais destacamos a construção de uma fábrica de *lingeries*, conseguida através de um projeto do Governo Cidadão⁷, um projeto enviado pela comunidade da qual as mulheres que fazem parte do grupo foram contempladas. Esse projeto representa uma possibilidade importante na melhoria da renda da comunidade, além de oferecer trabalho para essas mulheres, pois o trabalho além do dinheiro, pode dar um novo significado à vida de uma mulher, principalmente de uma mulher negra quilombola que vê as oportunidades cada vez mais difíceis.

Vivemos em um grupo de convivências, mantendo a tradição, religião, cultura e costume para fortalecer o nosso grupo, garantimos pelo Banco Mundial através do governo cidadão, uma fábrica de costura, onde iremos fabricar de peças íntimas e o nosso slogan é nada mais nada menos que Amélia Moda Íntima. E assim a mulher de quem eu falei no começo vem passando de geração para geração (GRAÇA, obtida em atividade de campo, 2017).

Como mostra a fala de Graça, uma fábrica de moda íntima pode significar muito para essas mulheres, pois representa uma vitória conseguida pela comunidade. Através dela essas mulheres poderão mostrar seu trabalho, o qual pode ir além da comunidade e da cidade de Portalegre (RN). O nome Amélia,

⁶ A denominação sacoleira se aplica a pessoas que vendem algum tipo de mercadoria informalmente.

⁷ O Programa Governo Cidadão é o antes chamado RN Sustentável, criado a partir de um Acordo de Empréstimo com o Banco Mundial, para elaborar projetos que visem o desenvolvimento do RN.

como podemos ver, aparece também no nome da fábrica de roupas íntimas, o que mostra a importância que Dona Amélia teve na comunidade e a força do grupo de mulheres, uma vez que homenageia tanto a anciã Amélia quanto o Grupo de Mulheres *As Amélias*. Essas mulheres que não tiveram acesso à educação plena e conseguiram emprego na própria comunidade, uma vez que durante anos a única luz que elas viam longe da roça era o trabalho como doméstica. De acordo com Bastos (2010, p. 05):

O trabalho como doméstica acaba se tornando a alternativa viável para se ter acesso aos bens que a cidade oferece, desde o dinheiro ao conhecimento. O fato de se ter um lugar para dormir se transforma no principal atrativo, mas os fatores que levam uma menina ou outra a este trabalho são diferentes.

Diante da fala de Bastos (2010), refletimos sobre a importância do grupo de mulheres, na perspectiva de pensarmos que ele foi o ponto de partida para que essas mulheres se organizassem e pudessem ir tão longe; em segundo lugar, a força de vontade de vencer e mostrar que o fato de ser mulher negra quilombola é enfrentar uma guerra do preconceito e discriminação, na qual a cada dia se vence uma batalha. Sendo que vale a pena, e é a partir das vitórias que se colhem os frutos. Ou seja, *As Amélias* é um grupo de mulheres que vem se destacando a cada dia e demonstrando a potencialidade da mulher negra quilombola da comunidade do Sobrado. As mulheres que o compõem são guerreiras que lutam por uma vida digna, pela dignidade humana e pela dignidade da mulher negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou discutir o papel do grupo de mulheres negras quilombolas *As Amélias*, de Portalegre/RN, bem como destacar a sua relevância como conjunto de mulheres que estão inseridas em uma conjuntura: negras e quilombolas.

Nesse sentido, reiteramos a importância deste estudo, tanto para fortalecimento de suas identidades culturais, quanto como forma de luta contra os múltiplos preconceitos direcionados social e historicamente por questões de gênero, etnia e raça. *As Amélias* se constituem uma forma contemporânea autêntica de luta e resistência.

Destacamos também a busca da autonomia ligada ao poder econômico. Como vimos, essas mulheres buscam o desenvolvimento profissional para que assim possam trabalhar e ajudar na renda familiar.

Não podemos mais aceitar e permitir que a exploração e o preconceito a que foram submetidas milhões de mulheres negras, desde o Brasil Colônia ainda apresentem resquícios de dominação e repressão. *As Amélias* são um exemplo notável que reafirma a necessidade de recusa e oposição aos padrões estabelecidos por uma sociedade que ainda carrega em si traços patriarcais, machistas e racistas.

Entendemos que essa resistência a tais padrões e estereótipos não se constitui uma tarefa fácil, mas é de fundamental importância que ela ocorra. É graças a inúmeros grupos como *As Amélias*, espalhados em diversos lugares do território brasileiro, que essa luta vem se fortalecendo ao longo dos anos, nos possibilitando a discussão e debate dessa rica temática. Muito ainda há para ser feito e conquistado, mas acreditamos que esta é uma iniciativa dentre muitas outras, que darão seus frutos.

REFERÊNCIAS

BASEGGIO, Julia Knapp; SILVA, Lisa Fernanda Meyer da. **As condições femininas no Brasil colonial**. Disponível em: https://publicacao.uniasselvi.com.br/index.php/HID_EaD/article/viewFile/1379/528.Pdf. Acesso em: 29 set. 2017.

BASTOS, Priscila da Cunha. **Jovem mulher negra quilombola: identidades e trajetórias**. Fazendo gênero 9. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278289979_ARQUIVO_textocompleto.priscilabastos.pdf. Acesso em: 28 set. 2017.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil: História do Brasil cobre um período de mais de quinhentos anos, desde as raízes da colonização portuguesa até nossos dias**. São Paulo: EdUSP, 1996.

GOMES, Maria de Fátima. **As Amélias**. (Cordel). Sem ficha catalográfica.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. Disponível em: <https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/03/genero-sexualidade-e-educacao-guacira-lobes-louro.Pdf>. Acesso em: 28 set. 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Uma Abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário de Relações Raciais e Educação PENESB RJ.05,112013. Disponível em: <https://www.ufmg.br/inclusaosocial/?p=59>. Acesso em: 23 set. 2017.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer uma Pesquisa Qualitativa**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.181p.

PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). **Tendências da Pesquisa (Auto) biográfica**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 363. (Coleção Pesquisa (Auto) Biográfica. Educação).

RODRIGUES, Valeria Leoni; COSTA, Flamarion Laba da. **A importância da Mulher**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.Pdf>. Acesso em: 29 set. 2017.

TORGA, Miguel. L UNIVERSAL, c'est le local moins les murs. Paris: Willam Blake & Co.1986.32p. (ISBN 284103030083). Miguel Torga, pseudônimo de Adolfo Correia Rocha, autor de origem portuguesa. NR.

Title

Women, black and quilombolas: the social empowerment of “as Amélias” group of women from Portalegre/RN.

Abstract

This work comes from a dissertation research about quilombola communities from the Upper Potiguar West. However, the interest of studying the group of women named As Amélias arose during the research, when we realized the importance of the group for the Sobrado community, where students who participated in our research live. Thus, the work tries to problematize the triple condition of the members of the women group of Portalegre /RN – being a black, quilombola woman. Its objective is to know the group of women and to realize the importance they have for its members, in order to strengthen them in facing the multiple prejudices that they experience socially due to gender, race and ethnicity. From the methodological point of view the work started from a bibliographic review and the analysis of a written narrative by the quilombola community leader. We approached the black women quilombola group “As Amélias” because we understand that they have a unique importance for the community in which they exist, including the construction of the identity of the local inhabitants, especially the younger ones. As a result of our analysis and reflections on the community leader's narrative, we can point out the Amélias's political aspect, namely the awareness of the social inequality and exclusion to which they are subjected and the collective organization as a form of struggle, resistance and affirmation of the quilombola identity.

Keywords

Woman; Black Quilombola; Prejudice; Racism.

Recebido em: 16/11/2019.

Aceito em: 22/12/2019.